



## Clonagem e Saúde Pública

Não conseguimos escapar à voragem envolvente e contagiante do tema em voga neste princípio de primavera de 1997 e aqui estamos, com manifesta trivialidade, a abordar a clonagem.

Todos nós aceitamos facilmente que a *bomba* da repercussão do feito de Keith Campbell e Ian Wilmut não se ficou a dever ao ineditismo da ideia e dos princípios científicos que alicerçam a clonagem — desde há tempos experimentados e conhecidos — mas antes à obtenção, em sucesso, de um produto acabado da pesquisa, um produto simpático e da classe dos mamíferos, a mesma classe a que pertence o homem e, portanto, tão próximo de todos nós.

Foi isto que, designadamente do ponto de vista mediático, teve os efeitos que estão à vista.

É isto que constitui o *acontecimento*.

Outros ensaios avançados similares, como os conduzidos pela equipa de Don Wolf da Universidade das Ciências da Saúde de Oregon, não mereceram o mesmo tratamento de caixa alta.

Com a *star* Dolly os cientistas teriam resolvido um dos maiores desafios da biologia celular, mas, por outro lado, a clonagem em mamíferos deixou em alvoroço a consciência humana.

Entretanto, para além das questões de índole científica e de carácter ético, o *acontecimento* que teve lugar no Roslin Institute produziu ecos e alarmes no círculo da saúde e da saúde pública, dadas as implicações na investigação biomédica e na biotecnologia clínica e não só.

Anote-se o impulso tido pelos responsáveis políticos pelo sector da Saúde a tomar posição e a intervir propondo iniciativas legislativas.

De resto todas as grandes questões e conquistas científicas e os *acontecimentos* que respeitam aos seres vivos (particularmente ao homem) e ao seu meio ambiente não são inócuos para a saúde pública. Eles podem ser *por bem*, ou serem perversos.

Mesmo cingindo-nos ao campo da saúde pública, estas duas facetas da investigação biocelular colocam questões que não são fáceis de resolver e para as quais pessoas esclarecidas, abertas e saudáveis de espírito não encontram resposta. Daí a vantagem de nos regularmos a nós próprios e de regularmos visando o comportamento em sociedade, ou seja, o interesse florescente da bioética e do biodireito e da pertinência crescente destas disciplinas em escolas dedicadas às ciências da saúde.

De facto, é conhecido o dilema, sem solução, que se coloca entre a capacidade e a vocação, por definição e direito próprio, do homem

aumentar o conhecimento das coisas e de investigar e esclarecer os enigmas e mistérios, progredir sem limites na ciência e na tecnologia, compreender e dominar a esfera do incógnito e, por outro lado, não interferir, não **manipular** o equilíbrio biológico, planetário e universal em que nos situamos, segundo a Ordem.

O que está em causa e é dilemático e angustiante é a impossibilidade de conciliar uma investigação científica imparável, o que é bom, com a manipulação e o abalo de um equilíbrio natural (designadamente de uma informação genética) regido por leis que não foram feitas pelo homem.

O que está em causa e constitui um risco para a saúde da Humanidade é perturbar esse equilíbrio Ordenado, o que, com odores de holocausto, nos aviva cenas de «O Aprendiz de Feiticeiro».

Mas, na saúde pública não podemos ignorar a outra face da medalha, positiva e esperançosa, isto é, a que oferece possibilidades de avanços importantes na compreensão e na inflexão de fenómenos mórbidos, na prevenção e no tratamento, que a investigação e a manipulação biocefular, incluindo a clonagem, podem trazer.

De anotar, por curioso, o que a imprensa internacional descreve já, numa perspectiva de *avant garde*, como a futura corrida à instalação de *boutiques* oferecendo novas tecnologias e novos produtos médicos, como medicamentos e órgãos humanos para transplantes.

A **clonagem**, então, diz também respeito à **saúde pública** nas diversas abordagens por que se optar; a saúde do espírito ou a insanidade mental serão determinantes quanto à boa ou má utilização dos ensinamentos colhidos com a experimentação que está subjacente à ovelha vedeta.

Em matérias de saúde pública, médicas e científicas tão delicadas, não é suficiente ter apenas presente a segunda parte da legenda «... *in corpore sano*». A primeira parte «*mens sana*» é imprescindível para que o homem, em atitude de **saúde global**, com lucidez e apoiando-se numa consciência sólida, possa tirar benefícios para carências de diversa ordem e no combate ao sofrimento, sem ofender as leis do equilíbrio universal.

Afinal, mais uma vez e sempre, o que está em causa neste grande *acontecimento* mundial e neste enorme *ruído*, não é tanto a clonagem em si, princípios e resultado de uma investigação, mas o que está em causa são os **valores**.

Ou o homem se assume como um ser de valores sólidos e saudáveis e orientado por valores inspirados no bem, ou tudo será posto em causa e, com clonagens ou sem clonagens, o seu estado de bem estar será profundamente afetado, isto é, a saúde pública sofrerá uma erosão.

No contexto da saúde pública, o *leit motiv* da clonagem desperta-me para pensar num outro tema da moda — as reformas dos sistemas de saúde — incitando-me a lançar a *bontade* irreverente de aconselhar os países menos imaginosos e mais lentos a recorrerem à *clonagem* dos sistemas reformados e modernizados de países mais dinâmicos, menos complicados e mais atrevidamente desenvolvidos.

Leidura Lima